

Experiências políticas em redes sociais: colaboração e ação social num mundo desengajado

Tarcisio Torres Silva*

Resumo

Com o fim das grandes ideologias que permearam o entendimento do mundo até a década de 1970, vivenciamos na sociedade contemporânea um tempo de desengajamento e maior direcionamento para questões ligadas ao individualismo e à subjetividade. Paradoxalmente, observamos, também, uma série de movimentações políticas noticiadas pelas redes sociais e de tecnologias de comunicação digital. Esse paradoxo se resolve no momento em que constatamos que o esforço político existente nas redes não é homogêneo, já que uma pequena parcela de usuários atua ativamente e uma massa a auxilia no processo de disseminação de suas ideias. Apesar de políticas, tais ações refletem, também, a condição do sujeito contemporâneo, pois carregam forte peso subjetivo.

Palavras-chave: Redes sociais. Engajamento. Política. Ativismo. Subjetividade.

* Bacharel em Publicidade e Propaganda (ESPM). Bacharel em Ciências Sociais (USP). Mestre e doutorando em Artes (UNICAMP). Professor da Faculdade Anhanguera de Campinas (FAC3). tartorres@gmail.com.

Introdução

O crescente contato da sociedade contemporânea com as mídias audiovisuais ao longo do tempo provocou mudanças diversas na percepção humana. Considerando o acesso às mídias digitais, estamos vivendo um período de franca expansão dos números. No Brasil, 34,8% da população com 10 anos ou mais tem acesso à internet e 53,8% têm telefone celular (IBGE, 2008). Em nosso país, como em outros, esses números são crescentes, o que fortalece o campo de interesse pelos modos de interagir com essas mídias.

O acesso, tão caro às políticas públicas de diversos governos, pode ser visto também como um reflexo da condição contemporânea. Por possibilitar a interação e o fluxo de desejos e informações, as redes representam um campo ideal para a manifestação de subjetividades próprias da contemporaneidade. São subjetividades imersas nos desejos do capital, fluidas, superficiais, em constante movimento e transformação. Segundo Haroche (2008, p. 12),

há em curso, nas sociedades contemporâneas, um profundo processo de transformação que, ao provocar o esvaziamento da capacidade de atenção, indissociável da reflexão, leva ao empobrecimento da interioridade e, diversas vezes, retira da pessoa seus atributos mais fundamentais.

Em razão da dinâmica da sociedade, a velocidade e o movimento transformam as relações sociais, políticas e modos de ser e de se entender em condições superficiais, uma vez que não há tempo para reflexão e aprofundamento. O aumento da importância do audiovisual (imediate, ligeiro, intenso, sedutor, virtual) em detrimento do tato (físico, social) aproxima os estudos de mídia dos estudos de entendimento da condição humana contemporânea, em que se percebe, também nas mídias, o desengajamento e a não fixação por determinada causa ou condição.

Haroche (2008) coloca a noção do individual, do trato de si, nos usos feitos das ferramentas na internet, uma constante criação de espaços e de manifestações individuais que coloca o indivíduo como centro das produções anônimas. Esfacela-se o espaço público, a noção de coletivo e o engajamento.

Ao mesmo tempo em que notamos essa mudança na percepção e no modo de sentir, mostrada claramente ao longo do texto da autora, um movimento paralelo parece estar acontecendo em razão da apropriação da tecnologia por parte dos usuários. Se, de um lado, temos os excessos

do contato com as telas que passam a fazer parte do cotidiano da vida humana, confundindo as instâncias entre realidade virtual e colaborando com o declínio da sensibilização da vida humana, de outro percebemos um movimento crescente ligado à apropriação de tecnologia que busca justamente a união, a colaboração e o engajamento dos indivíduos.

Percebemos esse movimento em práticas diversas que encontram espaço de disseminação na internet, em razão da facilidade do uso, maior acesso às tecnologias, facilidade de armazenamento e organização de grupos de interesse. Faz-se uso das ferramentas partindo do ponto de vista político, que provoca a união e o engajamento dos usuários em causas diversas.

Esse engajamento é um ponto a ser observado, uma vez que se contrapõe, num primeiro olhar, ao desengajamento do mundo levantado por Haroche. Fazer frente a um argumento tão poderoso, apoiado em campos de conhecimento diversos, seria por demais ingênuo. O que propomos aqui, então, é tentar entender que tipo de engajamento é esse que se dá por meio do uso das mídias digitais.

A “politização de espaços digitais” nos faz pensar se não se trata de apenas uma ilusão de retomada, ou se, de fato, com as qualidades intrínsecas das ferramentas de uso pessoal na internet, não estaríamos assistindo a uma nítida fissura, um ponto de fuga no qual subjetividades latentes transpassam o campo do desengajamento para se aliarem a alguma causa que julgam nobre.

Recentes exemplos que colocam o uso do Twitter e do Facebook no centro dessas manifestações políticas, aliados a casos mais conhecidos de movimentações realizadas por meio de blogs, levam à seguinte questão: se existe um desengajamento em razão das subjetividades líquidas, fluidas, próprias da sociedade contemporânea, como explicar o tipo de engajamento que aparece por meio do acesso crescente às tecnologias de informação?

Uma rede engajada

Desde o final da década de 1990 já se discutia o papel libertador que o uso das mídias digitais teria. O registro e a publicação na internet de ações ativistas em Seattle em 1999 e os primeiros blogs que se propunham a descrever estados em guerra (warblogs) são exemplos do tipo de abordagem que tem sido feita sobre essa relação. Rheingold (2002) e, mais recentemente, Shinky (2009) são dois autores que falam dessa apropriação de tecnologias para fins políticos e sociais.

Rheingold (2002) chama atenção para o caráter político e social do uso coletivo de tecnologias. Para ele, os indivíduos, ao agirem em grupo por meio delas, aproveitam a inteligência coletiva e são capazes de coordenar ações mais inteligentes do que se o estivessem fazendo de forma isolada. Já Shinky (2009) coloca um elemento a mais na discussão, enaltecendo a colaboração como grande responsável pelo alto impacto que algumas discussões sociais tiveram recentemente. Para o autor, o que prevalece no uso dessas tecnologias é a maior capacidade de coordenação dos grupos, que conseguem em pouco tempo organizar suas demandas, distribuir tarefas e identificar alvos de combate. Ele acredita que [...] any tool that improves shared awareness or group coordination can be pressed into service for political means, because the freedom to act in a group is inherently political¹. (SHINKY, 2009, p. 187)

De forma a exemplificar a forma como observamos a capacidade de coordenação de grupos e o engajamento político, citamos um caso recente de ampla cobertura pela mídia oficial (e não oficial) que coloca em evidência uma causa e um motivo para mobilização. Trata-se de uma ação individual que se espalha pelo coletivo em forma de pressão política – o blog cubano *Generación Y*.²

Generación Y

Yoani Sanchez é uma cubana que ganhou destaque mundial ao postar em seu blog *Generación Y* a difícil situação econômica por que passa seu país. Seus textos abordam desde a condição política cubana até o acesso aos meios de comunicação da ilha, fato que atrai particularmente a atenção de jornalistas e blogueiros. O esforço de Yoani para se conectar à internet, descrito nos próprios textos que escreve, tornou o endereço em um símbolo de resistência e uma janela para o mundo sobre a realidade de Cuba.

Em um de seus dois livros lançados, *De Cuba com carinho*, uma coleção de posts do blog, Yoani consegue ilustrar, por meio da explicação da origem do nome de seu endereço eletrônico, os humores por meio dos quais o blog é escrito. Yoani é da geração dos que nasceram entre as décadas de 1970 e 1980 e que não viveram os anos de glória da revolução socialista. Muitos dessa geração carregam no próprio nome um sintoma da mudança de clima no país socialista. Em meio a tanta padronização de vestuário e salários, um dos poucos luxos que os cubanos se davam era enfeitar o nome dos filhos, de forma a diferenciá-los de uma massa padronizada. Daí que uma geração inteira começou a

1 “Qualquer ferramenta que melhore a consciência compartilhada ou a coordenação de grupo pode ser usada para fins políticos, uma vez que a liberdade para agir em um grupo é inerentemente política.” (Tradução nossa)

2 Disponível em: <http://www.desdecuba.com/generaciony>. Acesso em: 18 maio 2010.

carregar em seus nomes a letra “Y”, como uma forma a criar uma diferenciação. Ser da “geração Y” significa, portanto, ser parte dessa geração de jovens que olham o sistema com desconfiança e percebem as falhas nos sistemas educacionais, econômicos e políticos de Cuba. É possível ler outros blogs da mesma geração a partir do site no qual o Generación Y está alocado.³

A força do impacto do blog foi evidenciada recentemente, quando a autora formulou sete perguntas que foram direcionadas ao presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, e ao presidente de Cuba, Raúl Castro. As perguntas foram postadas no blog e direcionadas aos respectivos líderes. Surpreendentemente, as respostas foram respondidas por Obama e prontamente publicadas no blog, enquanto ainda se aguarda as respostas do presidente de Cuba.

O caso de Yoani é um dos muitos exemplos do uso de blogs como forma de resistência política. Exemplifica, ainda, uma vertente presente nas discussões envolvendo os meios de comunicação que diz que a comunicação será efetivamente livre quando estiver desprendida de qualquer interesse político, econômico ou ainda amarrada aos interesses de grandes grupos de mídia. Os blogs seriam esse porto seguro em que se pode esperar a produção de um conteúdo livre, como no caso do Generación Y.

O fluxo de informação e as colmeias

Como argumentar a favor de um engajamento coletivo se estamos falando, nesse caso, de uma produção individual, fruto de uma condição política particular? A imensa audiência do blog é um primeiro indício dessa condição. Num segundo momento, a própria situação de Cuba a coloca como símbolo de resistência em um mundo tomado pela solução única do capitalismo, com seus excessos e exclusões.

A atenção clamada pelo blog nos dá indícios para procurar motivos que levam o interesse pela condição de resistência assumida pela cubana que, ao mesmo tempo em que luta pelas causas de seu país, luta também por maior liberdade de expressão e maior acesso aos meios de comunicação.

Rheingold (2002) e Shinky (2009) não vão afirmar, como se haveria de pensar, que a ação participativa é própria da índole dos indivíduos participantes e que é a tecnologia que aflora esse desejo latente. Como nos mostra Haroche (2008), os sintomas da contemporaneidade estão ligados ao desengajamento e à fragmentação do sujeito. Mas é também

3 Disponível em: <http://www.desdecuba.com>. Acesso em: 18 maio 2010.

uma subjetividade múltipla que atua em ondas, em fluxos por meio dos quais vai se construindo. Com isso em mente, veremos que o aspecto político do uso da tecnologia não é paradoxal ao que afirma Haroche, mas condizente com a condição da subjetividade descrita pela autora.

Shinky (2009) diz que não há uma homogeneização nos padrões de comportamento dos usuários na internet. O que os estudos sobre os fluxos de informação no Twitter mostram,⁴ por exemplo, é que uma pequena parcela de usuários produz boa parte dos conteúdos que circulam por esses ambientes E que influenciam uma segunda camada de pessoas até que finalmente essas informações estejam sendo disseminadas por meio de uma massa de usuários. A massa entra na ação comunicacional somente quando percebe que é um movimento seguro e forte, já que muitos de seus conhecidos estão participando. Portanto, o engajamento não é homogêneo, diferente do que parece num primeiro momento, quando observamos algumas ações políticas realizadas por meio das mídias digitais. A ação está muito ligada a um movimento do grupo, que se estabelece com a ação efetiva de poucos e a reação em cadeia de muitos.

Rheingold (2002) cita o estudo do sociólogo Granovetter (1978), que se interessa pelas motivações iniciais que levam os sujeitos à ação. Ele usa o termo *threshold*⁵ para pontuar esse momento do qual se parte para a ação. Para os mais revolucionários, basta uma simples ação suspeita para sair às ruas. Já para os mais conservadores, é necessário que se apresentem mais indícios que o convençam que é seguro sair e que muitas pessoas participarão, diminuindo riscos. É um tipo de inteligência que Granovetter observa nos movimentos de animais e insetos, em cardumes, colmeias e enxames, por exemplo. Nos seus estudos, o sociólogo percebeu que as ações individuais de indivíduos que foram colocados em diversas situações estavam ligadas à dinâmica do grupo.

A ação de Yoani é, sem dúvida, arriscada. Seus posts comentam sobre a polícia que a segue à paisana pelas ruas de Cuba e intimações mais diretas a respeito de seus textos. O seu comprometimento com a causa é intenso e é refletido em seus textos e em suas ações. O impacto que causa na internet nos faz pensar se produz, da mesma forma, um engajamento entre aqueles que entram em contato com seus textos.

Como vimos acima, boa parte dos indivíduos irão agir somente a partir do momento em que se sentirem a intensidade do movimento. E para isso precisam notar a participação de muitos outros indivíduos.

4 O *Web Ecology Project* é um grupo de pesquisa de Boston que analisa os fluxos de informação online por meio de prospecção de dados em larga escala. (Disponível em: <http://www.webecologyproject.org>. Acesso em: 18 maio 2010)

5 "Limiar". Tradução nossa.

O risco é real para quem vive em Cuba, remoto para aqueles que deixaram a ilha e acompanham o desenrolar do seu cotidiano por meio de Yoani e distante para os demais leitores. Para a maioria da comunidade envolvida com a causa proposta pela blogueira, seu engajamento é um engajamento seguro, feito por meio da interação online, longe das ruas, da polícia e da perseguição. Faz parte de uma onda que promove o engajamento seguro, leve, fluido e veloz.

Ainda assim, algum tipo de engajamento é motivado por ações como essa. Para Rheingold (2002), a tecnologia tem o poder de mudar o limiar de ação dos indivíduos em prol de uma ação coletiva. Em razão do alto comprometimento da autora, outros colaboradores se engajam auxiliando a tradução dos textos para outras línguas e uma massa de leitores torna a ação da autora cada vez mais forte, por carregar consigo uma plateia vigilante que acompanha de perto os passos de Yoani por Cuba. O fato de Raúl Castro não responder à blogueira deixa de ser apenas uma ação isolada de falta de diálogo político e passa a ser uma questão de discussão sobre a democracia, a liberdade de expressão e a transparência dos governos. A plateia silenciosa engaja-se pelo peso de sua vigilância.

Numa interessante inversão entre vigilante e vigiado, Yoani, num de seus últimos posts, confiou no poder da audiência silenciosa e, em vez de se sentir acuada com os olhares de pessoas contratadas para persegui-la pelas ruas de Cuba, inverteu os papéis e tirou fotos de seus “vigilantes”. O post é em tom de denúncia, colocando na figura dessas pessoas a memória de anos de repressão política cubana:

Indivíduos treinados na coação, que não puderam prever sua conversão em caçadores caçados, em rostos capturados pela câmera, pelo celular ou pela retina curiosa de um cidadão. Acostumados a juntar provas para esse processo que todos temos em alguma gaveta, em algum escritório, agora surpreendem-se que nós façamos o inventário dos seus gestos, dos seus olhos, a meticulosa relação dos seus atropelos. (SÁNCHEZ, 2009b, online)⁶

A seguir, uma das fotos de seus “vigias” tirada por ela.

6 A versão em português do *blog* é de Humberto Sisley de Souza Neto.



¿Sabrán sus familias que se dedican a reprimir y a vigilar?

Figura 1:

Suas famílias sabem que se dedicam a reprimir e vigiar?

Disponível em: <http://www.desdecuba.com/generaciony_pt/wp-content/uploads/2009/11/vigilantes.jpg>. Acesso em 14 dez. 2009.

O poder de vigilância da massa silenciosa pode ser interpretado como um tipo de razão que motiva o acompanhamento da vida de Yoani, vista com desconfiança pelo governo cubano. “Segui-la”, para usarmos um termo corriqueiro do Twitter, significa protegê-la.

No Cairo, essa vigilância e a rápida disseminação de informações em rede possibilitaram a localização de um estudante americano preso pelo governo enquanto fotografava uma manifestação. James Karl Buck foi preso em 10 de abril de 2008, mas conseguiu atualizar seu status no Twitter indicando sua situação para seus amigos nos Estados Unidos e no Cairo. No dia seguinte, foi solto por intermédio de um advogado contratado pela direção da Universidade de Califórnia e da embaixada americana.

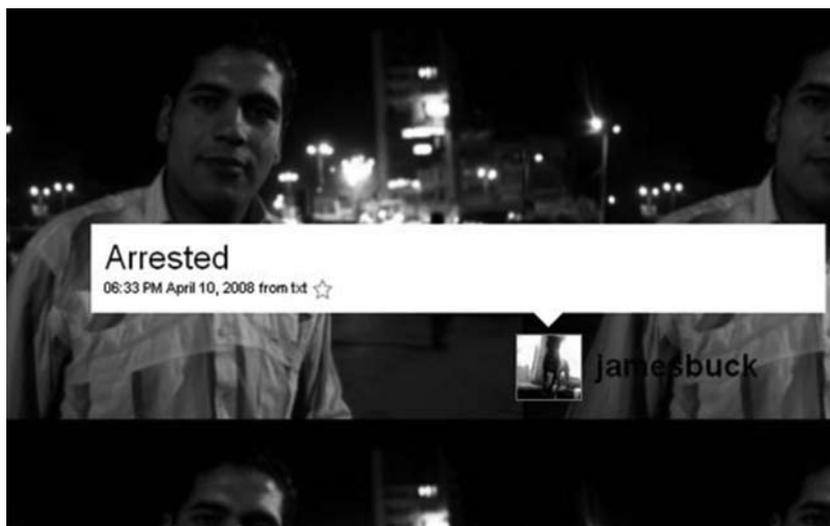


Figura 2

Status de James Buck no dia em que foi preso pela polícia do Cairo.
Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL404259-6174,00.html>>.
Acesso em: 18 mar. 2010.

O ponto de vista subjetivo

A ação coletiva em prol de melhores condições de vida em Cuba também passa por um culto de si. O discurso de Yoani e dos outros blogueiros hospedados no Desde Cuba constroem uma história fruto de suas experiências pessoais com o sistema. Como a própria autora diz, o ponto de vista dela é subjetivo. É Cuba vista sob os olhos (e a pele) de uma mulher. Lemos num dos posts intitulado Adeus às escolas de campo, um relato em que a autora conta a experiência de ter passado por um projeto experimental do governo que aliava trabalho e estudos no campo:

Quando me matriculei, ainda acreditava nas lorotas do estudo/trabalho; ao partir, sabia que muitas das minhas colegas tiveram que fazer sexo para conseguir boas notas ou mostrar um excedente de produção agrícola. Os delicados pés de alface que eu limpava toda tarde tinham sua contrapartida num alojamento onde primava a intimidação, o desrespeito à privacidade e a dura lei do mais forte. (SÁNCHEZ, 2009a, p. 33)

O apelo político de Yoani em vários de seus posts está ligado a esse ponto de vista subjetivo. O discurso atrelado a um desvencilhamento do passado mostra relações conflitantes com a doutrina política vigente.

Mostra, também, o desapego ao passado, ao mesmo tempo em que se engaja naquilo que há de particular na relação política e afetiva com seu país.

Roudinesco (2006) apresenta a relação do homem contemporâneo com o arquivo. O autor observa que aparece na sociedade do último quarto do século XX um desapego do passado e das tradições. No lugar desse espaço vago deixado pelo desengajamento, aparece o “incessante deleite de si”, a procura pelas terapias e a autoestima. Uma construção exacerbada da subjetividade, o “culto de um arquivo de si”. Em um mundo cada vez mais globalizado e homogeneizado, a diferenciação passa por uma busca da identidade de si. Um paradoxo descrito como “uma pretensão do eu de se diferenciar da massa para melhor se adaptar a ela”. (ROUDINESCO, 2006, p. 53)

A ação de Yoani e de outros blogueiros da “geração Y” se encaixa com essa condição contemporânea. A forma como lida com a tradição de um governo ditador e de uma ideologia que já não mais convence suas opções de vida indicam o rompimento com o passado. Mais do que uma ideologia, vale o culto da experiência pessoal, dos arquivos pessoais construídos que tem como pano de fundo a vida política cubana.

Segundo Roudinesco (2006), a década de 1970 foi o período do último surto de engajamento político ocorrido nos Estados Unidos com a guerra do Vietnã. O período que se segue é uma decepção que culmina com a busca de novas formas de construção de si:

A um surto de engajamento político (revolta nos campus universitários, guerra do Vietnã) sucedera um sentimento de fracasso e uma busca de novas formas de construção de si. Vinte anos mais tarde (cerca de 1985-90), assistiu-se a uma generalização do cuidado terapêutico como solução para o recuo do desengajamento político e a crença num fim da história, desembocando no desejo de um aniquilamento derradeiro de si. (ROUDINESCO, 2006, p. 59)

A “geração Y” nasceu logo após esse período. Atentando-se para essa cronologia, nota-se que essa é uma geração que já nasce dentro do desengajamento levantado pela autora. Assim, o discurso de Yoani ganha força ao desvencilhar-se das causas políticas de seu país, preferindo um discurso menos político, menos engajado, menos carregado de jargões e ideologias. Fala para uma nação (e para o planeta, já que seus textos são traduzidos para 16 línguas) de jovens que sente a fragilidade do sistema politizado e centralizador de Cuba e que não se identifica mais com grandes ideologias de um passado remoto em que o orgulho de uma história recente (de um arquivo), já não parece fazer sentido.

O ponto de vista subjetivo dos textos, próprios da ferramenta que usa, acaba sendo um dos grandes motivos do tamanho impacto do blog pelo mundo. Se a autora, formada em filologia hispânica, optasse por formas mais tradicionais de discurso, adotando um linguajar politizado e totalizante, provavelmente, não estaríamos analisando sua ação aqui neste trabalho.

Conclusão

Resistir já é, segundo Feitosa (2007), uma maneira de fazer política. É uma forma de insistência e de mostrar uma diferença. Os blogs em Cuba, com o Generación Y como a maior referência, são considerados blogs políticos, uma vez que, nitidamente, pretende-se discutir política de outra forma.

Ao apresentar o engajamento sob um ponto de vista subjetivo, observamos que a narrativa de si se entrelaça aos discursos ideológicos para desconstruí-los e propor o fazer político sob nova perspectiva. É uma política feita pela ação de poucos, mas presenciada por uma multidão silenciosa e atenta. Uma multidão que abraça causas políticas globais para si e vai, com isso, construindo uma subjetividade que perpassa o engajar-se em um mundo desengajado.

O uso da tecnologia proporciona esse sentimento de pertença. É um colaborar distanciado que engrandece a audiência e dá força à ação de expressão por parte dos blogueiros em Cuba e em tantas outras ações em que são observadas mobilizações globais políticas na internet, como as eleições do Irã e as movimentações ativistas na conferência sobre mudanças no clima em Copenhague, ambas em 2009.

Em Cuba, o caráter subjetivo dos blogs dá o tom, ao mesmo tempo em que nos mostra um novo modo de falar e de fazer política. O desengajamento não é ingênuo, mas sincero. É fruto de uma geração que já não compra mais os pacotes ideológicos do governo. Resiste em um sistema econômico que agoniza e, ao mesmo tempo, serve como fio de esperança para um mundo já sem grandes ideologias a seguir.

Political experiences in social networks: collaboration and social action in a disengaged world

Abstract

Following the end of the great ideologies that permeated world understanding up to the 1970's, we have experienced, in contemporaneous society, a time of disengagement and a higher orientation to questions related to individualism and subjectivity. Paradoxically, we have also observed a series of political manifestations taking place by means of social networks and digital communication technologies. This paradox is solved when we observe that the political effort taking place in the networks is not homogeneous, since a small number of users acts actively and a mass helps in the process of disseminating ideas. Despite the fact they are political, these actions also reflect the condition of the contemporaneous subject as they carry strong subjective weight.

Key words: *Social networks. Engagement. Politics. Activism. Subjectivity.*

Referências

FEITOSA, Charles. Revolução, revolta e resistência: a sabedoria dos surfistas. In: LINS, Daniel (Org). Nietzsche/Deleuze: arte, resistência. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

GRANOVETTER, Mark. Threshold models of collective behavior. American Journal of Sociology, v. 83, n. 6, p. 1420-1443 1978 apud RHEINGOLD, Howard. Smart mobs: the next social revolution. New York: Basic Books, 2002.

HAROCHE, Claudine. A condição sensível. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Suplemento da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) sobre acesso à internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

RHEINGOLD, Howard. Smart mobs: the next social revolution. New York: Basic Books, 2002.

ROUDINESCO, Elisabeth. A análise e o arquivo. Rio de Janeiro: Zahar, 2006

SÁNCHEZ, Yoani. De Cuba com carinho. São Paulo: Contexto, 2009a.

SHINKY, Clay. Here comes everybody. England: Penguin Books, 2009.

“TWITTER me tirou da cadeia”, diz estudante americano preso no Egito. G1: tecnologia, 16 abr. 2008. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL404259-6174,00.html>>. Acesso em: 24 nov. 2009.

SÁNCHEZ, Yoani. Seres da sombra. Generación Y. 15 nov. 2009b. Disponível em: < http://www.desdecuba.com/generaciony_pt/?p=684>. Acesso em: 14 dez. 2009.

WEB Ecology Project. Disponível em: <http://www.webecologyproject.org>. Acesso em: 18 maio 2010.

